

## O QUE SUA AVÓ TINHA NO QUINTAL? SABERES TRADICIONAIS, PLANTAS E HUMANOS NO CONTEXTO DA COVID-19

JANICE ALVES TRAJANO<sup>1</sup>; RENATA MENASCHE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – janicetrajano@live.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho foi feito a partir de minha dissertação de mestrado em Antropologia, intitulada “TRANSIÇÃO AGROECOLÓGICA NO SERTÃO NORDESTINO: um estudo de caso”. Aqui, trago o recorte da reflexão sobre como uma agrofloreitora, que também é rezadeira, entende o papel das plantas no enfrentamento à COVID-19.

O locus do estudo, é um sítio em transição agroecológica no município pernambucano de Exu. Por agroecologia compreende-se um modelo de cultivo que busca autossuficiência do sistema, evitando a aquisição de insumos externos, como fertilizantes químicos e agrotóxicos. Além disso, promovendo o cuidado com o ambiente, para preservá-lo nesta e para as próximas gerações (ALTIERI, 2012).

Com as outras observações do campo, pude notar que, ainda, as plantas nesse sistema não são vistas sob uma ótica utilitarista. Donna Haraway (2003) apresenta os animais de companhia como aqueles seres que atravessam os papéis de prestadores de serviço, membros da família e integrantes de equipes em práticas esportivas. Nesse caso, a plantação não é o lugar do indistinto e as plantas são companhia aos humanos. Estes são capazes de narrar as histórias e as necessidades individuais de diversos dos seres verdes que com eles convivem.

Especificamente sobre o enfrentamento da pandemia na comunidade, foram relatadas medidas como incentivo ao isolamento social e inserção de um molde para confecção de máscaras, mas, notadamente, o papel central era dado às plantas. Para descrever a argumentação dada, vamos partir das seguintes perguntas: Como plantas podem ajudar? Quais plantas podem ser utilizadas? Como elas devem ser administradas?

### 2. METODOLOGIA

Os escritos das páginas próximas seguem o que Natasha Myers (2017) denomina “plantropoceno”. Algo que busca tomar as raízes nas questões do antropoceno, como um estudo das formas de fazer vida e relacionar-se com as plantas. A categoria não se estabelece dentro de um espaço-tempo ou era, mas chama a atenção para as cenas constituídas nos encontros com esses “seres verdes”.

A personagem que me auxiliou nas respostas às questões chama-se Ciceira. Conversei com ela entre as plantas, a fim de estarmos no próprio ambiente que permeia a temática. Ela torna-se importante para a investigação por ser uma das principais rezadeiras da comunidade, logo, seu conhecimento é resultante de uma tradição de mulheres que usam plantas (e, em outros casos, outros elementos da paisagem) como ferramenta de cuidado e cura.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cicera conta que cultivo das ervas medicinais nem sempre segue a lógica da jardinagem, ou seja, quando, por meio de ações humanas, como preparo do solo, adubação, irrigação e poda, as plantas recebem as condições ambientais necessárias para seu crescimento e desenvolvimento.

O ambiente sente o que precisa ser ali desenvolvido. Quando uma determinada espécie nasce espontaneamente, significa que alguém naquele local ou nas proximidades precisará daquela espécie para recuperação ou manutenção da sua saúde. É importante destacar que não se trata de um pensamento que se aproxime de um milagre, não se entende que um ser superior ali colocou aquela espécie ou que ela surgiu ao acaso.

Sabe-se que existem diversas formas de germinação, polinização e de espalhamento de sementes, no entanto há a compreensão de que se uma determinada erva surgiu, cresceu ou se reproduziu com maior força, não foi por mera coincidência. A terra ofertou porque alguém está precisando dela.

Percebemos que o diagnóstico de alguma doença pode ser feito a partir de quais plantas têm aparecido em um determinado ambiente. Exemplificando, caso reproduzam-se com maior facilidade naquele terreno plantas relacionadas à saúde uterina, como aroeira ou chanana, e alguém aparece no lugar com sintomas inespecíficos, difíceis de estabelecer um diagnóstico, as plantas já estão o determinando.

Devido ao que me proponho a discutir neste texto, focarei no auxílio das plantas à saúde humana, no entanto, essa percepção não ocorre exclusivamente com a saúde humana. Também se refere à manutenção e recuperação da saúde de animais, de outras plantas, do solo e do sistema como um todo. O sistema é percebido de forma unificada, onde todas as coisas agenciam todas as coisas.

Ao explicar “como as florestas pensam”, Eduardo Kohn (2013) levanta que seres orgânicos e, em sua medida, inorgânicos, possuem formas próprias de manifestação de perspectiva de futuro, algo que nos direciona a refletir sobre as origens da vida e do pensamento. A inteligência seria a capacidade de aprendizagem configurada a partir da experiência. Há uma inteligência “científica” nas possibilidades de modificação de acordo com a situação colocada pelo ambiente.

Uma vez percebido qual pode ser o problema ou quais plantas podem ajudar, parte-se para a forma de administração dessas plantas. Elas podem ser utilizadas pelas mais diversas apresentações, como por chás, pastas ou apenas como instrumento para reza. Essas formas podem ser obtidas a partir de diversas partes da anatomia vegetal (folhas, flores, frutos, sementes, caule, raiz) e administradas de muitas maneiras. Um chá pode ser ingerido, inalado, utilizado para assento ou para banho. O preparo desse chá pode ser feito por infusão a quente, a frio ou por cozimento.

Por muitas vezes, as ervas são utilizadas em conjunto. Sabe-se da importância da sinergia. Sinergia essa dos diversos componentes farmacológicos que compõem um ser. Inclusive no desenvolvimento daquela (ou daquelas) espécie que está sendo requisitada, como descrito nos parágrafos anteriores, acredita-se que a planta também desenvolverá nas doses necessárias os princípios ativos que serão imprescindíveis.

As sinergias ocorrem também no ambiente (solo ou tronco) onde a planta está inserida. Dessa forma, para que plantas com fins medicinais estejam aptas a se desenvolverem, é fundamental ter aos redores outras plantas que auxiliam na

fixação de nutrientes e água ao solo, ou que propiciem sombra, de acordo com as necessidades de cada indivíduo.

Qual forma a ser utilizada, qual dose e em qual conjunto, são decisões prescritas pela rezadeira, com o auxílio do paciente. Cícera fala que ao ver a pessoa atendida, segue os próprios sentidos, as próprias percepções. Quando o problema é solucionado, a natureza também dá sua resposta, deixando de produzir em maior quantidade uma determinada espécie ou modificando os componentes químicos que estão a constituir a planta naquele dado momento.

Aqui, levanto o termo “sobrevivência colaborativa” de Anna Tsing (2015), que nos auxilia a compreender que humanos e plantas cuidam-se entre si em associação. Há ainda a “captura recíproca”, de Isabelle Stengers (2010), sobre as trocas entre as abelhas e as flores, ou seja, animais e plantas. Há uma propriedade comum, e as trocas possibilitam ambas as formas de vida, em uma dinâmica de coexistência e co-contrução. Ocorrendo esses processos em sentidos para além dos químicos, e permitindo a interação de outros seres, sendo os humanos apenas um deles.

Não somente para diagnóstico e tratamento de doenças as plantas serão relevantes, mas também na prevenção delas. A visão de prevenção ocorre no sentido do fortalecimento do organismo. Da mesma forma que para evitar pragas que possam por em risco a plantação o solo deve estar fortalecido, com os macro e micronutrientes em consonância com os microrganismos e demais elementos do solo, o corpo humano precisa do aporte adequado de nutrientes, fitoquímicos e microrganismos necessários ao seu fortalecimento.

Entramos, então, com o caso da COVID-19. Inicialmente, vamos tratar de como os humanos a enxergam, para então relatarmos como as plantas atuam no dado contexto. A infecção é vista como algo a “não se temer”. Dessa forma, a melhor forma de enfrentar a pandemia não seria somente ficar em casa. Há um entendimento sobre a necessidade de evitar grandes aglomerações, viagens, especialmente entre aqueles que compõem o grupo de risco: idosos, portadores de doenças crônicas. Mas o isolamento total não é visto como melhor método.

Acredita-se que, caso as pessoas se isolem, ficarão mais suscetíveis do que se forem expostas aos poucos a pequenas “doses” do vírus. No entanto, essa exposição deve ser acompanhada de um fortalecimento do organismo, algo que se dá através das plantas. Elas atuarão da forma descrita nos parágrafos anteriores, não havendo grandes diferenças sobre a percepção entre a prevenção da COVID-19 e de outras doenças, pois o corpo fortalecido através do uso de plantas seria a chave para evitar qualquer estressor da homeostase.

As diferenças, talvez, apresentem-se no uso de chás, mas seguem o que já é feito contra infecções respiratórias em geral. Para prevenção e tratamento da COVID-19, assim como de outras infecções respiratórias, utiliza-se chá de alho com limão e mel. Uma infusão do alho, seguida pelo acréscimo dos outros ingredientes e imediato consumo diariamente.

Essa receita é dada considerando o contexto do bioma local, no entanto cada localidade, com sua devida paisagem, fornece os ingredientes que podem ajudar. Ou seja, alho, limão e mel não são os únicos remédios. A natureza, em sua vastidão, proporciona uma gama gigantesca de plantas que são adaptadas ao solo, ao clima e ao organismo dos humanos de forma dialética.

Como então chegar aos ingredientes condizentes? Não importaria a localidade, todas possuem espécies nativas, e a solução é perguntar às pessoas mais velhas o que fazer. “O que sua avó tinha no quintal?” ou “o que sua avó te recomendou fazer?”. Cícera diz que atendeu a pessoas de diversos lugares, até de

outros continentes. Indaguei se esse método funcionaria mesmo em lugares onde as pessoas, de modo geral, podem ter perdido o contato com a natureza e recebi que “não tem isso, a natureza continua lá”.

Não somente o papel dos vegetais é levado em consideração, como o do saber tradicional dos humanos, pois em todos os lugares também haveriam pessoas com o dom de saber utilizar as plantas em suas diversas potencialidades, algo que é transmitido principalmente entre mulheres. Não à toa, a pergunta de referência é voltada à figura da avó. Além disso, as pessoas que geralmente cultivam e sabem fazer os extratos de água ou de óleo de plantas são mulheres.

Donna Haraway (2016) utiliza o termo “chtulucene” para categorizar uma forma de encontrar o espaço para aprender a permanecer com o problema, desenvolvendo “response-ability” ao lidarmos com uma Terra ferida. Desses pressupostos, encontraremos reflexões relevantes, em especial para a pandemia.

#### **4. CONCLUSÕES**

As plantas fazem parte do enfrentamento à pandemia em diversos sentidos, mas é necessário reconhecer que estamos diante do problema. A negação da existência de uma pandemia, de uma questão ameaçadora à saúde pública global não é resolutiva, não nos dá meios ou habilidades para produzir uma resposta efetiva. Permanecer com o problema, mesmo que seja um monstro tentacular, é a forma de sobreviver com o mínimo de danos possível.

A pandemia em si é uma resposta da Terra aos danos provocados à mesma. Em grande parte, ao avanço desenfreado da exploração do ambiente. Reconhecer que a Terra tem capacidade de resposta a um problema, compreender sua inteligência científica e observar que ela nos chama a um arrefecimento é mais uma forma de lidar com o problema, que possui raízes longas, porém não profundas ao solo, mas estão suspensas, à mostra.

#### **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALTIERI, M. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo, Rio de Janeiro: Expressão Popular. 3. ed. 2012.

HARAWAY, D. J. The Companion Species Manifesto: dogs people and significant otherness. Chicago: Prickly Paradigm Press, 2003.

HARAWAY, D. J. Staying with the trouble: making kin in the chtulucene. Durham and London: Duke University Press, 2016.

KOHN, E. How forests think: toward an anthropology beyond the human. Berkley: University of California Press, 2013.

MYERS, N. From the Anthropocene to the Planthropocene: Designing Gardens for Plant/People Involution. History and Anthropology, n. 28, v. 3, p. 297-301, mar. 2017.

STENGERS, I. Cosmopolitics I. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.

TSING, A. L. The mushroom at the end of the world: on the possibility of life in capitalist ruins. Princeton: Princeton University Press, 2015.